**Ata da Plenária Mensal do CMPD - Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência, realizada On-Line nas redes sociais do CMPD do Município de São Paulo, por motivo da Pandemia**. Aos dezoito dias do mês de novembro de dois mil e vinte e um realizou-se a Plenária Mensal do CMPD – Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência, com o tema “**Avaliação da IV Conferência Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência**”. O encontro virtual teve início às 15h, sendo aberto ao público em geral por meio da plataforma Facebook, nela ficando gravado. A Plenária foi acessível em Libras e legendada. A Presidente Marly dos Santos iniciou o evento se apresentando e se auto-descrevendo. Informou que nessa Plenária será feita uma pequena avaliação da IV Conferência Municipal da Pessoa com Deficiência ocorrida no mês anterior. Em seguida passou a palavra para **Antônio Herci Ferreira Junior**, convidado do evento, que fez sua auto-descrição e sua auto-apresentação: “atualmente atuo como articulador de comunicação do vocacional e também sou doutorando na USP Estética e História da Arte. Comentou que estava muito feliz de estar no evento, agradecendo o convite. Presidente Marly lembrou que foi a primeira conferência feita no formato virtual, fato que acarretou alguns problemas que foram sanados graças ao convidado e ao conferencista Carlos, pedindo, em seguida que fizesse uma avaliação da conferência. Antônio Herci comentou então, primeiramente, que esta foi uma grande vitória porque as pessoas com deficiência têm várias dificuldades e enfrenta barreiras de vários tipos. Que achou interessante que nesse último período de pandemia houve isolamento das pessoas mas, ao mesmo tempo, um acesso muito maior aos meios virtuais, inclusive nessa conferência, fazendo que várias questões viessem à tona, porque as pessoas ficaram muito imersas na discursividade contemporânea e na discursividade da sociedade, e no evento foi possível encontrar pessoas que normalmente no nosso dia a dia corrido a gente não encontra, incluindo uma comunidade imensa de pessoas cegas e pessoas que tem dificuldade de locomoção, que passam desapercebidas, invisíveis no cotidiano. Assim, essa nossa convivência on-line trouxe isso tudo a tona porque nos colocou, num certo sentido, em pé de igualdade. Então é interessante até a gente observar, digamos filosoficamente, esse paradoxo, porque foi justamente a ausência dos nossos corpos que acabou trazendo essa presença de uma grande parte da sociedade que luta por seus direitos, que luta por acesso. Eu acho, assim, que primeiro foi uma vitória em si; segundo, tivemos dificuldades, mas onde que não existem dificuldades? Não ganhamos uma cartinha quando nascemos dizendo “olha, vai super fácil”. Pelo contrário, a gente enfrenta dificuldades cotidianas e principalmente o que eu tirei da dificuldade é que justamente esse entendimento entre as pessoas pode resolver problemas que eventualmente inviabilizariam uma conferência. Então, de repente acesso não funciona, um link não funciona, por exemplo. Então, o que a gente faz? E foi justamente essa nossa capacidade histórica de adquirir essa sensibilidade que fez potencializar esse entendimento. Então, a gente volta com uma conferência extremamente potente e, mesmo que com alguns planos on-line não dando certo, isso acaba sendo muito pequeno diante do resultado final. Acrescentou que é artista do Programa Vocacional, que conta também com as artistas Desiree e a Tânia, vindo com bastante força porque trouxe a seguinte questão: acessibilidade não é a tradução final, ou seja, primeiro se faz tudo, as orientações, você faz a tua arte e somente no final você traduz para Libras e põe a legenda. O outro paradigma propõe a acessibilidade como estruturante: a sociedade de fato produzindo arte e cultura dentro dos processos de comunicação mas já estruturalmente pensados com acessibilidade. Enfim, acho que foi uma grande conferência, uma grande vitória, sem ufanismo, e estamos agora preparando a Estadual. Realçou, nesse ponto, que não tinha ideia dos números finais, que a Presidente Marly poderia fornecer com maior propriedade, mas mesmo assim achou a conferência bastante produtiva, com resoluções maravilhosas, advindas de intervenções organizadas, nas questões da cidade, de seu orçamento, editais e programas, enfim com as pessoas saindo muito fortalecidas. Presidente Marly opinou que a conferência serviu para proporcionar um olhar melhor do que é acessibilidade, porque no normal presencial nós teríamos um local cheio de gente, com muito falatório, com o pessoal se deslocando para as salas de discussão, dificultando a atenção das pessoas, e na conferência eu acho que cada um ouviu melhor as falas dos outros. Pontuou, por outro lado, que ficou muito nervosa na hora que aconteceram os problemas na operação da plataforma, mas que se acalmou quando alguns dos participantes a auxiliaram na correção dos mesmos, principalmente o convidado, e, se fosse na forma presencial, não teria sido assim porque seria difícil conseguir a atenção de alguém com calma para encontrar a uma solução. E que a calma é importante nessas situações, como demonstrou a tranqüilidade apresentada pelo convidado diante daquela situação. Lembrou que o nervosismo às vezes decorre de coisas pequenas, mas que o desejo de encontrar uma solução rapidamente, em fazer as coisas darem certo, o faz crescer. Citou como exemplo sua futura ida para a Conferência Estadual, que já lhe causa um certo nervosismo pois sabe que abrigará muitas cidades e espera que nenhum problema como o que aconteceu na municipal venha a ocorrer, embora saiba também que contar com a presença de pessoas como o convidado e o Carlos traz alguma traquilidade, e, assim, acredita muito que chegue a bons resultados. Em seguida, pediu que o convidado falasse um pouco sobre o Programa Vocacional, que considera importante por trazer mais clareza ao pensamento. Antônio Herci esclareceu, então, que a vida virtual a qual fomos obrigados a ter trouxe alguns hábitos que serão mantidos na nossa vida presencial como, por exemplo, esperar a vez para falar, ou seja, não falar todo mundo ao mesmo tempo e dar tempo para os outros também falarem, escutarem, refletirem, esperando a rodada para falarem novamente, enfim, procedimentos que a gente estava perdendo nos últimos anos, pois estávamos em ambientes de excessivos embates. Os embates podem ocorrer, porque é dos embates que surgem as novidades, que surgem as lutas por direitos, uma série de coisas, mas eu acho que gente acabou tendo algumas lições de escuta, porque de fato quando a gente se comunica através dos computadores ficamos com essa sensação meio de monólogo, ou seja, às vezes as câmeras estão fechadas, só que a gente depois desse impacto foi percebendo várias questões, por exemplo, as pessoas deixam as câmeras fechadas não porque não querem participar, mas porque tem seus motivos. Então, a gente tem que conviver com isso, às vezes não quer intimidade da casa no ar, às vezes tem problema de deficiência ou de baixa visão: são vários os motivos que levam as pessoas a se resguardarem. E isso nos fez também atentar para outro lado: os computadores e o acesso digital são muito bons, mas apenas para quem tem computador, para quem tem rede. E isso traz outro aspecto também muito presente: a sensibilidade é uma questão mais ampla do que a inclusão, por exemplo. Não se trata de incluir pessoa em uma sociedade pronta, se trata de construir mecanismos de acesso universais. Evidentemente, a questão social é uma questão chave nisso. Claro que nós, pessoas com deficiência, temos nossas necessidades. Só que a gente acabou vendo que a gente não está só e que é muito legal saber que a minha deficiência visual, a minha dificuldade com alguns movimentos não sou só eu que tenho: tem milhares de pessoas que se conectam com esse mesmo tipo de problema. E, por outro lado, nos dá essa amplitude do que é esse direito à acessibilidade, por exemplo, em regiões que mal tem energia, que cai a energia todo dia, onde mal tem água. Retornando ao vocacional, o PIAR é uma espécie de irmão, digamos assim, um parente que está fazendo vinte anos, que foi promulgado como lei no início do século, sendo um programa de artistas e educadores que principalmente atuam com processos artísticos, então ele não é aquela escola convencional, que passa por etapas, senta no primeiro ano, depois se aprende um acorde, isso falando em música. Eu atuei no programa como orientador de música durante vários anos. Nas últimas edições eu atuei na área de comunicação, e o programa hoje tem os artistas orientadores em várias linguagens: em música, teatro, literatura, artes visuais e dança. Dentro dessas linguagens, nesse ano também congregamos grande parte do que nós chamamos de arte popular, ou seja, da arte que é inclassificável, onde a dança não se separa da música e a manifestação visual não se separa da performance corporal, sendo isso tudo previsto nessa que é uma edição histórica. Além disso, a maioria dos participantes do programa é auto declarada não branca. Temos assim uma forte presença negra, além de diversas presenças indígenas com trabalho próximo aos pólos do Programa Aldeias. E desde que ele foi fundado como vocacional, inicialmente PIAR para teatro e atualmente congregando todas essas linguagens, apresenta esse DNA de estar em todos os cantos da cidade. Então, quando a gente vê o mapa da cidade os teatros, cinemas e salas, estão concentrados ali naquele miolo, naquele Centro. Mas quando você olha o mapa do vocacional, ele está ramificado. Então, ele começa muito presente nos Céus, nos órgãos e equipamentos da Prefeitura, em parcerias em regiões. Por exemplo, pegando o extremo sul de São Paulo, Parelheiros, Marcilac, vemos muito poucas oportunidades. Então, como dizem várias pessoas, os poetas do hip hop também, o lazer nesses lugares acaba sendo o boteco da esquina porque não tem lugares onde as coisas possam acontecer. Já o vocacional, enquanto um programa que trabalha o território, e não só em lugares oficiais, em equipamentos da prefeitura, atua ramificado com parcerias, com espaços também regionais e culturais, com pólos de cultura, e principalmente em regiões periféricas, inclusive no sentido social. Por exemplo, hoje um dos pólos que tem sido bastante potente fica ali no Teatro de Contêiners, localizado no Centro de São Paulo mas numa das regiões mais desprezadas da Cidade que as pessoas apelidam de várias formas para discriminar, como a Cracolândia, mas que não deixa de ser uma região de pessoas como nós, que tem outros tipos de vida. Então o vocacional hoje conta ao todo com cento e vinte artistas mais ou menos em todas essas áreas. Anualmente faz-se um edital de contratação. O edital desse ano deve sair, sendo que quem atualmente trabalha na supervisão é Miguel Prata, e a coordenação é da Ana, Isidora e Igor nas diversas áreas: comunicação, pedagógica e área de instrumentais. Esse ano nós tivemos uma grande organização, com a montagem de um grupo de trabalho especificamente para a questão da acessibilidade. Isso trouxe uma potência muito grande para o programa porque se passou a fazer pauta, passou-se a fazer história normal, a gente não gosta dessa palavra, mas é o normal no sentido de que acessibilidade não é aquele temperinho que vem no final da receita, ele passa a ser parte estrutural da receita. Então, a Desiree e a Tânia, que inclusive saíram delegadas para o estadual, são pessoas que estão à frente desse GT e a uma das suas grandes conquistas realmente é a pontuação para pessoas com deficiência que isso acaba entrando no edital, como foi no ano que passou. Assim, quando ocorre o processo seletivo ou você é pontuado ou entra no sistema de cotas. Não vi ainda como ficou no edital desse ano, mas sei que o vocacional é um programa maravilhoso, onde quem trabalha acaba entrando para isso que é chamado de “grande família”, quase que eternamente. Aliás, a Quésia estava ontem conosco, e uma das ações do vocacional é o nosso festival na região norte de dramaturgia, e há também outras atividades novas como, por exemplo, no ano passado começamos a ter, com apoio da Secretaria, fortemente Libras nas ações. A Presidente Marly sabe que as pessoas mais antigas diziam assim: “porque por Libras? Quase não tem pessoas surdas”. Mas se Libras são colocadas você atinge um público enorme porque justamente a falta é que afasta as pessoas, fazendo com que a lógica acabe invertida. Presidente Marly comentou, a seguir, que briga há vinte anos mais ou menos com esse negócio de “para que colocar Libras, se não tem ninguém surdo?”. Que, inclusive no Sindicato dos Bancários, vivia brigando por isso em cada assembleia, em cada reunião, insistindo que devia ter interprete de Libras em todas as reuniões do sindicato para o povo pois a acessibilidade é muito importante para a gente. Ao se falar em acessibilidade, a maioria pensa em rampa para cadeira de rodas. Mas rampa é um pedacinho da acessibilidade, tem que se ter acessibilidade em tudo, como na linguagem comunicacional, pois é fundamental entender o outro. Perguntou ao convidado, nesse ponto, se muitas pessoas com deficiência participam do grupo vocacional. Antônio Hercy respondeu que era uma coisa recente, que nesse ano temos alguns artistas orientadores, e que no ano passado ocorreu uma ação bastante forte com um grupo que se chamava Artistas nas Ocupações, que foi marcante porque acarretou um crescimento grande no programa mesmo não vindo de cima para baixo por meio de um “Vamos planejar? Vamos fazer?”, que muitas vezes leva até a um tratamento superficial da pessoa com deficiência. Veio, sim, justamente dos vocacionáveis, das vocacionadas, dos vocacionados, de vocacionades, que são alunos orientandos, e esses grupos começaram a trazer essa demanda de participação: “eu quero participar, mas não escuto; eu quero participar, mas não enxergo direito; eu quero participar, mas não posso ver”. Existe, enfim, esse clima de todos, todas e todes devem participar. Então, isso é muito forte na na cultura do programa. Então, isso foi sentido originalmente pelos artistas orientadores. As áreas, a coordenação e a supervisão são bastante atentas, justamente porque foi uma demanda em crescimento, e tivemos, ainda, por exemplo, performances maravilhosas de grupos de cadeirantes, de pessoas com paralisia cerebral, proporcionando principalmente aprendizagem de como conviver com as temporalidades das pessoas, às vezes agente esquecidas. Por exemplo: imaginem que eu, sentado aqui, esqueci meu copo d'água. Então eu vou correndo buscá-lo e volto. Essa temporalidade é proporcional ao tempo que eu levo para me locomover e pegar um copo d'água. Então, quando a gente está dentro desse contexto coletivo, temos que conviver com esse tempo, com a ideia de que ele não é rapidinho universalmente, igual para todos. A gente não pode ter essa visão capacitista que coloca tempos, que coloca capacidades determinadas para as pessoas, como devem ser socialmente. Nós aprendemos, por exemplo, com isso que nós fizemos no início da nossa live: as auto-descrições. Imaginem as rodas se auto-descrevendo: isso é um tipo de aprendizado que leva tempo, mas a gente tem que se acostumar, tem que se readequar. É importante que a gente se auto-descreva. A gente não se arruma para ir nas festas? A gente penteia o cabelo e coloca uma roupa. É a mesma coisa quando a gente se auto-descreve: queremos passar algo da gente, alguma intimidade, para pessoas que tenham outros tempos, outras formas de ver, de enxergar. Então, estamos preparados cada vez mais, mas, é claro, nada se resolve tão rapidamente, principalmente na minha área, a área de comunicação, que muito recentemente começou a levar a sério o design universal, as paletas de cores para pessoas daltônicas, certas questões que são consideradas arte dentro do design tradicional, mas que atrapalham a nossa leitura, como retículas, como fontes muito diferentes. Isso tudo, com o tempo, vai se maturando e nós vamos aprendendo, colocando potências. E isso não é uma limitação no design, ou na comunicação, pelo contrário: abre-se uma potência que estava latente, talvez por conta de nos vermos como pessoas em pé de igualdade numa tela, porque normalmente, até pelas questões físicas, a centralidade não está com as pessoas com deficiência. Normalmente o centro e o que chama mais a atenção deixam essas pessoas um pouco mais a margem das coisas, porque é difícil você conseguir um lugar, chegar, pegar um microfone, assumir uma fala dentro de uma assembleia. Por exemplo quem trabalha com você em coletivos sabe como é difícil assumir isso sob determinadas condições, e dentro dessa área virtual a gente foi aprendendo essa convivência, e que não podemos desaprender. Quando começarmos a ter nossos corpos juntos novamente, nós não podemos andar para trás, a gente tem que continuar avançando. Então, foi isso que ganhamos, e não apenas no vocacional. Na USP, por exemplo, onde eu estudo, este foi o primeiro ano da sua história onde a maioria dos ingressantes vem de escolas públicas. Vejam, isso para a gente é uma grande conquista, uma conquista estrutural como se diz, que muda a história da USP. E vejam há quanto tempo nós temos essa universidade, e só agora nós temos maioria de ingressantes de escola pública. Da mesma forma, vários departamentos, como o meu, por exemplo, já estabeleceram cotas para pessoas transexuais, de etnias, cotas sociais, quebrando diversos preconceitos, como de que o aluno ou o artista de cota está entrando pela “roubadinha”, e então ele é considerado menor. Mentira, é o contrário disso, é o oposto: pessoas tem sim um desempenho incrível, trazendo coisas incríveis em arte e em educação, e então isso tudo está sendo incorporado. No vocacional, grande parte disso se sedimenta através dos editais de contratação, dos editais de funcionamento. E agora também numa luta permanente de tentar transformar em leis, porque quando vira lei não depende da oscilação dos gestores: sabemos que oscilação dos gestores quebra muito a continuidade dos programas sociais, já quando é uma lei ela se torna perene. Quando há uma verba que chamamos de “carimbada” o Prefeito tem que gastar com acessibilidade, não tem como falar “não vou gastar esse dinheiro” e depois fazer santinho para promover o político, pois é uma verba que já vem destinada. Estamos, assim, em ascensão, apesar do país estar passando por grandes dificuldades políticas e sociais. São vitórias, e a gente não deve olhar só para as derrotas porque é dentro dessa luta que também nasce os nossos fortalecimentos, dentro desse embate, desse enfrentamento. Quanto a essa paciência a qual você se referiu, na verdade a gente vai adquirindo justamente ao conviver com pessoas assim, porque a gente tem enfrentado não só problemas técnicos. Ontem mesmo, nessa live que eu me referi, tivemos uma invasão de um hater que entrou, e tentou derrubá-la, começando a falar palavrão. Então, se a gente não tem esse espírito coletivo nós não conseguimos se fortalecer. Tem sido um treinamento coletivo: a acessibilidade não é uma questão apenas das pessoas com deficiência e isso tem ficado cada vez mais na história. Ela é um direito social geral. Quando a gente olha para um ônibus e fala “ônibus para pessoas normais”, o que significa uma pessoa normal? Uma pessoa grávida, uma pessoa um pouco mais gorda, um pouco mais magra, que hoje está fraca porque estava meio gripada ou não se alimentou bem? Tudo isso é uma pessoa normal, e tem que caber na porta e tem que subir um degrau de sessenta centímetros de altura. Então, começamos a ver que a acessibilidade é um direito público e universal, e o vocacional tem uma forma muito potente de encarar isso, com retornos bem satisfatórios. Presidente Marly ressaltou sua alegria pela explanação do convidado, bem como o andamento rápido desses temas, lembrando que há dez anos atrás a gente não teria uma conversa como a de hoje porque as pessoas não se importavam se você era uma pessoa normal ou não, pensando no próprio umbigo para resolver as coisas. Hoje em dia isso não ocorre, principalmente com o vocacional que não olha só para o próprio umbigo, e sim para o seu redor, trazendo pessoas que estão agregando cada vez mais. E eu espero sinceramente que vire lei. É uma briga, uma luta que nós temos que fazer, ajudando também ao vocacional, porque ele não escolhe se é branco, se é gordo, se é magro, se é alto, se é baixo, se tem deficiência ou não, qualquer que seja ela. Eu acho que o vocacional é um programa bem interessante, e que faz parar de colocar nomes nas pessoas: “aquele gordo”, “aquele magro”, ou como falou de mim mesma “aquela aleijadinha”, “aquele surdinho”. Eu acho que primeiro temos que se importar com a pessoa, e depois com a deficiência, com o tipo físico, se é bonito, se é feio, se é gordo ou magro, essas coisas. O vocacional tem tudo a ver com esse momento, e teve tudo a ver também com a Conferência Municipal, porque muitas das coisas que você trouxe para a Conferência vieram da sua convivência no vocacional, e me ajudou muito, está ajudando agora e vai continuar ajudando no futuro, eu tenho certeza, com as idéias, com a parte prática da tecnologia. Você ajudou demais as pessoas prestarem mais atenção, quando, por exemplo, você falou na sala da conferência sobre vocacional e as pessoas se perguntaram “opa, o que será isso?”, e, em seguida, procurando saber, o que é super importante e gratificante. Eu estou nessa militância há uns bons anos, que eu não vou falar quantos, mas já há muito tempo porque tenho 58 anos de idade, e vejo que hoje em dia as pessoas com deficiência estão com menos vergonha, digamos assim, aparecendo em todas as áreas. É muito prazeroso você ver a pessoa com deficiência na política e a pessoa com deficiência como artista. Até um tempo atrás você não via artistas com deficiência, o que havia eram instituições que faziam um “teatrinho” no final do ano ou no dia das mães entre as pessoas com deficiência. Já hoje em dia não, temos artistas de novela que são pessoas com deficiência, e em todos os lugares. Hoje eu costumo falar de mim mesma, e sem querer ofender ninguém, como eu falo com meus amigos que me conhecem bem: digo “aleijadinho”, digo “poxa aleijado, você viu?”, porque nós estamos agora em todo lugar: nunca vi tanto aleijado na rua, na minha vida, como eu estou vendo hoje. Isso é muito importante, é muito legal, e eu acredito que cada vez mais pessoas com deficiência estarão em todos os cantos. Antonio Herci lembrou, nesse passo, que além do vocacional nós temos também o PIA voltado para crianças e jovens, já o vocacional é voltado para jovens e adultos “até o infinito”, mas tem também esse mesmo espírito. Inclusive, nesse ano a supervisão de formação teve a intenção pública de se juntar a outros programas, como a EMIA, que é uma escola de iniciação artística, como o programa Jovem Monitor, e como o Programa Aldeias, que são programas que se ficam fragmentados acabam perdendo essa potência de trabalhar sob o aspecto da universalidade. Lembrando que nós temos uma presença transexual no programa que é extremamente potente, com discussões que são fundamentais para o preparo do mundo contemporâneo. Eu participei nessa semana de um dos eventos da Lua, que é uma das artistas do programa e tem esse nome provocativo porque é uma professora travesti. Então, isso pode levar a um preconceito familiar: “nossa, a professora do meu filho é uma travesti”, e aí “cai o mundo”, mas a questão real é muito simples: “o que você aprendeu com ela?”. Porque o professor ensina, ele não é “isso ou aquilo” dependendo da roupagem, ou da sexualidade, ou do cabelo, ou do perfil corpóreo. O professor educa, ele ensina. Então, quando você traz uma professora travesti e pergunta depois “o que você aprendeu hoje com essa professora?”, amplia-se esse leque do que é aceito socialmente, e eu digo “aceito” porque, assim como o racismo decorrente dessa presença forte da comunidade de negras e de negros no vocacional, essa é uma questão estrutural na sociedade, a qual a gente não vê, mas que está no livro didático, na lei, nos usos e costumes, nos hábitos e na moralidade. Trazendo isso para essa arena semântica, digamos assim, com essa forma de dizer o mundo, de falar como a gente está no mundo e como nos sentimos, ampliamos essa possibilidade de ser no mundo, de sermos no mundo, todas e todos, porque a gente está aqui para termos plenitude. Eu também comecei há bastante tempo, desde a década de oitenta, quando chegamos a publicar uma revista que foi a primeira revista em bancas voltadas para pessoas com deficiência. Como diz uma grande atriz, a Mona, que é uma grande amiga também, a gente já passou por vários nomes: nós já fomos “portadores de deficiência” e “pessoas especiais”, além disso eu já passei por coisas piores, do tipo “aberração”, “tortinho” e “monstrengo”. Mas independentemente dessa evolução no como dizer as coisas, existe essa coisa do “ser no mundo”. Isso que você colocou deixa de ser uma questão que envergonha e isso passa a ser uma questão de paixão, não porque a gente ame as nossas deficiências, inclusive gostaria de não ter algumas. Exemplificando, “eu sempre quis ser piloto de foguete, não posso ser porque eu sou deficiente visual, então logo cedo eu descobri que eu não seria piloto de foguete nem iria para a lua e ficaria na terra”, só que a gente aprende que, como dizia a minha avó, o que não mata, fortalece. Então, essas coisas que a gente passa acaba dando uma roupagem. Por exemplo, uma das coisas que a Lua coloca é isso: a segurança de estar entre pessoas com as quais você se sente segura, num ambiente que é seguro, não no sentido de alguém te assaltar, mas seguro para que a gente possa ser o que é de verdade, para a gente poder ser aceito como é, para que a gente aceite as pessoas como são. Então, eu acho que esse patamar da universalidade é uma coisa que tem ganho realmente força: é como uma balança, tem uma coisa muito negativa forçando para um lado, só que a corda estica para o outro lado também, e esse outro lado passa a ter corpo, passa a se organizar, passa a ter força. Nós temos vivido momentos tristes, de tantas mortes, quando até mesmo o luto, se pensarem bem, foi roubado da gente, porque não se pode mais ter o luto por alguém querido que morre, pois ele tem que ser enterrado com protocolos, tem que ser enlutado com protocolos, tem que ser velado com protocolos, e, muitas vezes no auge da pandemia, sem o direito de olhar pela última vez uma pessoa querida. Por outro lado, existe o fato de que a gente está vivo, e isso já é uma vitória cotidiana, que dá motivos para nos fortalecer, principalmente pelo fato de termos Conferência Municipal, de termos a Conferência Estadual, de termos a Nacional, então essas coisas vão se tornando brasileiras, parte da nossa cultura, onde vejo assim uma potência nossa. Presidente Marly destacou que se a Conferência tivesse sido presencial provavelmente não teria conhecido o convidado como agora na virtual, uma vez que nas conferências há a presença de muitas pessoas que a gente conhece apenas superficialmente, porque já as viu em outros lugares e ocasiões, ou seja, ia reconhecê-lo mas não iria se lembrar do nome nem saber, por exemplo, que ele é do vocacional. Assim, esse é um lado muito bom ocorrido na conferência virtual. Por outro lado, a forma virtual facilitou a manifestação das pessoas que tem dificuldade de falar em público, como eu. Assim, espera a manutenção do modo virtual por mais tempo mesmo com a volta do presencial, que é bom também porque permite a convivência com os amigos e as pessoas em geral. Na verdade, o virtual ensinou muito, mesmo que “na marra” pelo fato de estar em home office, inclusive quanto a me facilitar o uso do microfone para falar em público, facilidade essa que certamente vou ter também na volta ao presencial. Aprendemos, também, a se comunicar melhor, de forma mais natural: antes da pandemia ninguém fazia chamada de vídeo, e agora ela é mais comum. Presidente Marly passou, então, a palavra para o convidado fazer suas considerações finais. Antonio Herci comentou que realmente nós estamos sempre aprendendo, concordando com a ideia de que algumas coisas devem ser híbridas, até por uma questão de acessibilidade tecnológica, pois a tecnologia pode ser uma grande aliada das pessoas, da sua comunicação, dos inter-relacionamentos, e isso foi um aprendizado da gente. Não devemos abandonar esse modo híbrido porque ele nos permite inclusive fazer orientações para pessoas que não estão em São Paulo. Veja que o vocacional se tornou um programa mundial: nós temos vários países que participam. Agora, isso não substitui a necessidade desse programa estar ramificado fisicamente, que ele exista mesmo nos Céus, porque é lá, nessas pontas, que a gente vê a base do preconceito, da discriminação, e não podemos nos iludir. Então o recado que eu deixo é esse: esse paradoxo de no tecnológico a gente ter essa “igualdade, participação etc.”, mas é no físico, quando nosso corpo tem ou não tem o direito de andar, de se locomover, de estar, de obter uma vaga de emprego, de obter uma vaga na escola, ou seja, é com relação a esse corpo que come, que se alimenta, que vai ao banheiro, que a gente vê de fato a nossa sociedade sendo racista, misógina e discriminatória, maltratando as pessoas, assassinando outras. Enfim, o que eu diria é isso: devemos aproveitar esses ganhos, sem essa ilusão romântica de solução de certas questões, como a mortalidade entre os jovens e uma série de coisas que acontecem nas periferias de São Paulo, às vezes ocasionadas pelo próprio poder policial resultando em extermínio de populações. Então, essa questão dos corpos ela se mantém. Só que a tecnologia surge como algo que entra nisso e nos auxilia: quantas vezes o dominar um celular pode nos tirar de uma situação constrangedora? Ou pode configurar uma denúncia contra um agente público? Ainda mais agora que a gente se acostumou a ter essas nossas ligações fáceis assim, parecidas com coisas da minha infância como acontecia no desenho Jetsons. E isso é tudo de bom: temos que manter os nossos direitos, isso que nos fortalece sem perder do outro lado. Nesse sentido, eu acho que esse formato híbrido veio para ficar, para um somar no outro. Finalizando, Presidente Marly agradeceu a presença do público na live plenária de novembro, a participação do convidado Antonio Herci e o trabalho dos intérpretes de Libras Andrei e Késia. A reunião foi encerrada às quinze horas e cinqüenta e nove minutos. Eu, Eduardo Farsetti, funcionário administrativo do CMPD lavrei a presente ata.